

# Brazilian Journal of Development

## Paulo Freire: sua vida, pedagogia e filosofia da educação

## Paulo Freire: his life, pedagogy and philosophy of education

DOI:10.34117/bjdv5n7-037

Recebimento dos originais: 18/05/2019

Aceitação para publicação: 17/06/2019

### Juliano Bernardino de Godoy

Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP

Licenciado em História - Filosofia- Pedagogia - Sociologia- Geografia

Bacharel em Teologia- Filosofia

Instituição: Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP

Endereço: Avenida 50, esquina com Rua 2A, nº 130, Bairro: Jardim Primavera- Rio Claro- SP

E-mail: [juliano.godoy@ig.com.br](mailto:juliano.godoy@ig.com.br)

### RESUMO

Esse presente artigo tem com finalidade, dar um panorama breve sobre a importância de um dos maiores expoentes da educação brasileira, Paulo Freire. A metodologia utilizada na pesquisa é a revisão bibliográfica fundamentada no estudo de obras do autor e de pesquisadores, os quais estudamos na disciplina obrigatória de Educação e Pesquisa II do curso de mestrado da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) que nos debruçamos com afinco sobre educadores brasileiros. Os escritos de Paulo Freire (1978, 1996, 2000, 2006) sobre educação de uma forma popular, nos traçam um parâmetro para entendermos o passado e vermos sua influência no presente. Paulo Freire tem uma experiência pessoal de militância em prol da educação pública, gratuita e popular, desde sua formação, até o final de sua vida. Entretanto pretendemos resgatar de forma histórica, mesmo que parcialmente suas contribuições trajetórias nas áreas da pedagogia e filosofia da educação.

**Palavras-chave:** Educação Popular. Filosofia da Educação. História da Educação.

### ABSTRACT

This article aims to give a brief overview of the importance of one of the greatest exponents of Brazilian education, Paulo Freire. The methodology used in the research is the bibliographic review based on the study of the works of the author and researchers, which we studied in the compulsory discipline of Education and Research II of the master's degree course of the Methodist University of Piracicaba (UNIMEP), which we have worked hard on educators Brazilians. The writings of Paulo Freire (1978, 1996, 2000, 2006) on education in a popular way, set us a parameter to understand the past and see its influence in the present. Paulo Freire has a personal experience of militancy in favor of public education, gratuitous and popular, from its formation, until the end of its life. In the meantime, we intend to rescue historically, even if only partially, his trajectory contributions in the areas of pedagogy and philosophy of education.

**Keywords:** Popular Education. Philosophy of Education. History of Education.

**1 PAULO FREIRE - O HOMEM**

Paulo Reglus Neves Freire, conhecido no Brasil e no exterior apenas como **Paulo Freire**, nasceu em Recife, Pernambuco em 19 de setembro de 1921, filho de Joaquim Temístocles Freire e Deltrudes Neves Freire. De classe média baixa, caçula de quatro irmãos, três homens e uma mulher; aprendeu a ler e escrever com gravetos da mangueira do quintal de sua casa, ensinado por sua mãe. Realizou seus primeiros estudos na capital pernambucana, em meio a muitas dificuldades financeiras. Aos 10 anos de idade, devido a essas dificuldades se agravando, mudou-se para Jaboatão dos Guararapes, a quinze quilômetros de Recife.

Em Jaboatão concluiu a escola primária. Em Recife, completou os sete anos de estudos secundários, cursos fundamental e pré-jurídico, ingressando, aos vinte e dois anos de idade, na Faculdade de Direito de Recife. Antes de concluir seus estudos universitários, casou-se com a professora primária Elza Maria Costa Oliveira, com quem teve cinco filhos. Ainda neste tempo tornou-se professor de língua portuguesa.

Após a experiência de docência no mesmo estabelecimento de ensino em que havia estudado, Freire foi ser diretor do setor de educação e cultura do SESI, em Recife. Ai teve contato com a educação de adultos-trabalhadores e sentiu o quanto eles e a nação precisavam enfrentar a questão da educação e, mais particularmente, da alfabetização. Freire ocupou o cargo de Diretor desse setor do SESI de 1947 a 1954 e foi superintendente do mesmo de 1954 a 1957. Em 1956 foi nomeado membro do Conselho Consultivo de Educação do Recife.

Teve sua primeira experiência como professor em nível superior, lecionando Filosofia da Educação, na Escola de Ensino Social, incorporada à Universidade do Recife. Em 1959 prestou concurso e obteve o título de Doutor em Filosofia e História da Educação, defendendo a tese “Educação e Atualidade Brasileira”, onde expõe as bases revolucionárias da sua pedagogia e filosofia da educação. No ano seguinte, foi-lhe outorgado o título e a função de livre-docente na cadeira de História e Filosofia da Educação da Escola de Belas Artes, em 1962. Em 1963 foi nomeado um dos “Conselheiros Pioneiros” do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco. “Conselheiros Pioneiros” eram educadores de notório saber em matéria da educação.

Em 1964, com o golpe militar, Paulo Freire e o seu método de Alfabetização de Adultos foi extinto pelo governo. Paulo Freire foi obrigado a ir ao Rio de Janeiro para responder a inquérito policial militar e esteve preso por setenta dias. Sentindo-se ameaçado, asilou-se na embaixada da Bolívia, de onde partiu para aquele país. Em La Paz sua saúde não se adaptou

ao clima e foi refugiar-se no Chile. E neste país viveu de novembro de 1964 a abril de 1969, como consultor da UNESCO. Nessa ocasião foi convidado a lecionar nos Estados Unidos e trabalhar no Conselho Mundial de Igrejas.

De abril de 1969 a fevereiro de 1970 morou em Cambridge e Massachusetts dando aulas sobre suas próprias reflexões na Universidade de Harvard. Em seguida mudou-se para Genebra, a serviço do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas, pelo qual teve oportunidade de trabalhar com os povos simples da África do Sul, da Ásia, Oceania e América, menos no Brasil.

Paulo Freire obteve seu primeiro passaporte brasileiro em junho de 1979 e em agosto do mesmo ano, chega ao Brasil. Aceitou ser professor da PUC-SP. Em 1980 foi aceito como professor da UNICAMP, até 1990. Freire ocupou também o cargo de Secretário de Educação do município de São Paulo, onde seu trabalho foi “mudar a cara da escola”. Reformou as escolas, reformou o currículo escolar, melhorou as condições dos profissionais, capacitando-os em regime de formação permanente. Afastou-se do cargo de secretário municipal de São Paulo, mas continuou membro do seu colegiado até fins de 1992.

Voltaria à docência na PUC. Dedicou-se a escrever e a publicar livros em solo ou em parceria com grandes mestres da educação brasileira. Paulo freire terminou sua profícua trajetória pelo mundo no dia de 02 de maio de 1997.<sup>1</sup>

## **2 PAULO FREIRE, O EDUCADOR**

Segundo Darci Ribeiro:

Paulo Freire é um educador do Nordeste. De Pernambuco. Um pensador nordestino. Extremamente inteligente, com um sentido humano muito profundo, especialmente pelos problemas da alfabetização de adultos. Paulo Freire foi o primeiro que compreendeu isto no mundo inteiro: o problema não era só ensinar o analfabeto a ler. Era dar ao analfabeto a coragem de pensar com sua própria cabeça, a confiança em si mesmo. Então Paulo Freire desenvolveu um método de alfabetização para adultos que foi aplicado no Brasil inteiro. Um método pelo qual os adultos se localizavam no grupo para pensarem conjuntamente sua própria experiência, o seu modo de ver o mundo, sua posição na terra, o trabalho que eles faziam, o que no mundo era feito pelo homem, o que era feito pela natureza, por Deus. E o efeito era um ser humanizado, conscientizado de posse de si mesmo como ser humano, um ser

<sup>1</sup>Parte desses dados biográficos foram obtidos da esposa de Paulo Freire, Ana Maria Araújo Freire que os fez constar no artigo “A Trajetória de Paulo Freire”, publicado no livro “Paulo Freire uma Bibliografia”, de Moacir Gadotti e outros em 1996.

humano consciente de estar no mundo, de tentar melhorar o mundo, de querer atuar no mundo. Um método em que, no lugar de soletração ele parte de palavras-chave, carregadas de sentido, das palavras-geradoras. A partir de palavras-chave, carregadas de sentidos, vai se estruturando, decodificando a palavra em sons, ensinando assim as letras (RIBEIRO, 1979, p.4)<sup>2</sup>

Freire alfabetiza capacitando os camponeses a serem donos de si mesmos, de tal maneira que possam participar de modo autêntico da vida social e política. Freire alfabetiza desenvolvendo a capacidade de reflexão crítica e de ação. Alfabetiza e, ao mesmo tempo, tenta fazer as pessoas e o povo capazes de libertar-se de uma situação de que a maior parte da humanidade é vítima, espectadora passiva de sua história.

Pretender ensinar a “ler” simplesmente como fazem os métodos tradicionais, seria a última coisa que faria Freire. Não poderia ensinar sem “conscientizar”, sem ajudar os camponeses a tomar clara consciência de sua realidade, e fazer com que eles descobrissem que podiam transformar essa realidade. Freire alfabetiza e, simultaneamente, faz com que sintam tudo o que supõe a dignidade humana, sua dignidade como pessoas, de criadores de cultura, capazes de ver, decidir e fazer (MORALES 1985, p.4)<sup>3</sup>.

### **3 PAULO FREIRE – EDUCADOR POPULAR**

Quando se pensa Pedagogia, o que vem à mente? O que pretendemos com a educação? Que tipo de humano queremos ter no final de um processo educativo, de um curso, por exemplo? Afinal, qual é o objetivo da educação?

A educação pode ser concebida de muitas maneiras e igualmente são muitas as sugestões que se podem colher de Freire. Tanto sua educação como seu método tem muito a oferecer em termos de superação da concepção tradicional e corrente. Nele, não se trata de “adaptar” métodos, mas de reexaminar todo o processo da educação sistemática, tal como se dá nas aulas, sobretudo a nível dos objetivos. O que pretendemos ao ensinar arte, história, matemática, ou qualquer disciplina? O produto final da aprendizagem tem que ser necessariamente “saber mais”?

No contexto da educação escolar há uma preocupação que vai além da simples ciência para, simultaneamente, oferecer “formação” como pessoa. Na realidade, esses dois objetivos nem sempre se casam na educação escolar. Com frequência, ciência e formação são aspectos

---

<sup>2</sup> Entrevista do sociológico Darcy Ribeiro, ao Jornal Folhetim no dia 1º de Julho de 1979

<sup>3</sup> Pedro Morales: Educador argentino, ligado à defesa da educação e a movimentos sociais.

divorciados um do outro. O objetivo “ser pessoa” é diferente do objetivo “saber matemática”. O aluno aprende em classe e em troca, se forma, supostamente com conselhos, testemunhos, palestras e atividades extraclasse.

Em Freire, seu propósito inicial é alfabetizar adultos. É o objetivo que poderíamos chamar acadêmico, mas ao mesmo tempo, sem duplicidade de métodos, tempos e objetivos, Freire capacita os camponeses a serem donos de si mesmos, de tal maneira que possam participar de modo autêntico da vida social e política. Freire alfabetiza desenvolvendo a capacidade de reflexão, de crítica, de ação. Ensinando a pensar, a julgar criticamente a realidade do mundo proporciona ao trabalhador o instrumento de sua libertação que é ele mesmo.

Em seu livro “*Extensão Ou Comunicação*”<sup>4</sup> Freire escreve:

Não se pode ensinar técnicas sem problematizar toda a estrutura que se dará nas técnicas. Não é possível tampouco um trabalho de alfabetização de adultos, como o pretende sua concepção ingênua, que não esteja associada ao trabalho dos homens, à sua capacidade, à sua visão de mundo. (FREIRE, 1982, p.65)

#### **4 BASES FILOSÓFICAS DO SISTEMA PAULO FREIRE**

Como em qualquer situação, a filosofia da educação dependerá da filosofia que se tenha sobre o que é o que deve ser o ser humano.

Para enquadrar o homem no mundo, Freire distingue duas maneiras de situar-se frente à realidade. Uma própria dos animais: os animais estão “em contato” com o mundo, com a realidade, é parte dela. O ser humano, ao contrário, não está no mundo como um objeto a mais: ele distingue o EU do NÃO EU; o ser humano é capaz de objetivar a realidade. De transformá-la, de relacionar-se com o mundo. Capta o mundo como algo à parte dele e convive com ele uma maneira reflexiva e crítica. O animal não “emerge”, não se distancia do tempo, vive num hoje constante, já que não tem consciência. O humano está, ao mesmo tempo, dentro e fora do tempo: herda, incorpora, modifica. O animal se “acomoda”, se “ajusta” ao mundo. O homem se integra nele por meio de seus atos de criação, de decisão, respondendo aos desafios que lhe apresenta.

---

<sup>4</sup>Esta obra foi escrita no Chile na época do seu exílio. Ela analisa o problema da comunicação entre o técnico e o camponês no processo de desenvolvimento de uma nova sociedade agrária. Paulo Freire faz a defesa da educação que se dá pela troca, pelo diálogo, pela comunicação e pelo aprendizado mútuo, e combate as convicções que justificam a prática da transferência de conhecimento como via de mão única para a pedagogia. Conhecer, na verdade, exige uma presença curiosa, uma busca constante, invenção e reinvenção permanentes.

O ser humano, portanto, está destinado a integra-se criadoramente ao mundo. O animal se “acomoda” ao seu ambiente, ao seu habitat, não o transforma. O ser humano se integra criadoramente. É capaz de transformar. Porém, só o transformará se o percebe como transformável e sente a si mesmo como possível transformador. Dai que a educação deve potencializar no ser humano a capacidade de percepção crítica de si mesmo como capaz de transformar, de criar distância da realidade para transformá-la.

Segundo Paulo Freire, a questão radical não é que o homem possa física, politicamente mudar, transformar o mundo e a sociedade. O mais radical, segundo ele, o primeiro, é que ele seja capaz de ver o mundo como transformável e a si mesmo como sujeito ativo de mudança.

O método de Freire, fiel expressão de seu pensamento, nasce e se desenvolve numa situação sócio-econômica muito concreta: o campesinato nordestino, a região mais pobre do país, com milhões de analfabetos. Esse contexto social foi todo o desafio de Freire. Pretender ensinar a “ler” aos camponeses, deixando-os como estavam antes e chamar a isto de educação, seria a última coisa que Paulo faria. Não poderia ensinar sem “conscientizar”, sem ajudar aos camponeses a tomar clara consciência de sua realidade e fazer com que eles descobrissem que poderia transformá-la. Fazê-los sentirem-se seguros de si mesmos, capazes de ver, decidir e fazer. Evidentemente o método Paulo Freire não é um método a mais. E suas implicações sócio-políticas são óbvias (MORALES, 1985, p.4)<sup>5</sup>.

Freire, que nasceu e viveu entre oprimidos, entre os marginalizados por uma sociedade que não os deixa nem lhes permite aprender a pensar, a refletir, a mudar por conta própria, sente a tragédia do homem curvado aceitar, a acomodar-se ao mundo imposto por outros. Para Freire, o homem que não sabe aproximar-se criticamente da realidade, que não percebe o mundo como modificável é tampouco autenticamente livre. É mais um objeto no mundo que um homem integrado criadoramente nele.

Em Educação como Prática da Liberdade<sup>6</sup>, Paulo Freire escreve:

As tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas lhe são apresentadas por uma elite que as interpreta e lhes entrega em forma de receitas, de prescrições a ser seguidas. E quando julga que sua salvação está sem seguir a prescrição, se atira e se esconde no anonimato nivelador da massificação, sem esperança e sem fé, domesticado e acomodado: já não é sujeito; se rebaixa a puro objeto, se coisifica. (FREIRE, 1989, p.43-44)

---

<sup>5</sup>Educador argentino

<sup>6</sup> Em Educação como Prática da Liberdade, Paulo Freire procura apresentar as relações do homem com o mundo e a forma de utilizá-las na educação. Esta obra visa definir as bases de um processo pedagógico fundamentado em duas práticas - conhecimento e transformação.

Para Freire, portanto, educar o ser humano será criar nele a capacidade de uma permanente atitude crítica. O ser humano não deve captar qualquer situação de opressão como uma espécie de mundo fechado do qual não pode sair, mas, como uma situação que até pode limitar, mas que é possível modificar.

Educar, segundo Pedro Morales (1985) interpretando Paulo Freire, “será criar uma situação pedagógica” na qual o educando se descubra a si mesmo e aprender:

- a ser consciente do mundo que o rodeia
- a refletir sobre ele, percebendo suas inter-relações
- a descobrir novas possibilidades de estruturá-lo
- a atuar sobre ele para modificá-lo (MORALES, 1985, p.6)

Paulo Freire comunica um sentido angustiante, porque se confronta com o desafio de um grupo social oprimido com mais dramatismo, o campesinato nordestino. O direito de perceber de modo crítico a realidade do mundo, de refletir, de atuar criticamente sobre ele, é direito de todo ser humano.

Como repete Paulo Freire: “Dizer que os homens são pessoas, e como pessoas são livres e não fazer nada para conseguir concretamente que esta afirmação seja objetiva, é uma farsa” (FREIRE, 1978, p.47).

Todo educador pode perguntar-se o que é ser pessoa, o que supõe ser livre e o que significa capacitar os outros e assumir responsabilmente as sua liberdade. O primeiro passo será sempre a tomada de consciência das múltiplas formas de opressão da sociedade moderna.

## **5 EDUCAÇÃO BANCÁRIA X EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA: EMBASAMENTO FILOSÓFICO**

A concepção “bancária” da educação e a concepção “problematizadora”, ou “libertadora”, ou “crítica” são expressões cunhadas pelo educador brasileiro Paulo Freire, que se notabilizou mundialmente pela sua obra fundamental “*Pedagogia do Oprimido*”<sup>7</sup>. Aliás, o termo opressão, oprimido ganhou projeção no mundo pedagógico a partir de Freire.

---

<sup>7</sup>Pedagogia do Oprimido é um livro revolucionário. Paulo Freire esmiúça as relações opressoras de nossa estrutura social e indica os caminhos para o entendimento de uma pedagogia libertadora e progressista, analisando todos os fatores que influenciam o aprendizado. Pedagógica e socialmente engajado, este livro é uma verdadeira lição de cidadania e de solidariedade – e uma referência não só na história da educação, mas principalmente na história cultural de nosso país. Escrito em 1968, durante o exílio de Paulo Freire no Chile, Pedagogia do Oprimido foi proibido pela ditadura militar e permaneceu inédito no Brasil até 1974. Desde então teve sucessivas reedições e já foi traduzido em mais de 20 países.



O que vem a ser, para Paulo Freire, uma “educação bancária”? Para Freire, Educação “bancária” é a educação fundamentada na contradição educador x educando, cuja essência está em o educador transferir, depositar, transmitir valores e conhecimentos aos educandos, depositários passivos e inativos do ato de aprender e educar. Aos alunos, ou educandos, cabe apenas receber os depósitos que o professor ou o educador faz do conhecimento que possui. (como acontece num banco quando se deposita dinheiro)

Na educação “bancária” a relação educador-educando se opera no verticalismo pedagógico: de cima para baixo. É uma realidade extremamente narradora e expositiva. Supõe-se um poder e força mágica ao discurso, à palavra. É mais verbosidade que palavra transformadora. Como diz Freire: “mais palavra-som que palavra-ação”. Leva a uma absolutização do saber e da ignorância: o educador é o que **sabe**; o educando o que **não sabe**. O educador sabe tudo; o educando ignora tudo. Dai a necessidade de um educador que transfira o seu saber ao educando que ignora tudo. E gera-se então, a memorização mecânica de “pacotes” de saber. Como acontece com os depósitos bancários, que apenas devolvem o que foi depositado, o educando devolve ao educador o que nele depositou. No maior das vezes, conteúdos intactos, palavra por palavra, ponto por ponto. E o professor ou educador se sentirá satisfeito e dará nota dez ao repetidor.

Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador depositante. Em lugar de comunicados, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única maneira de ação que se oferece aos educandos é de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (FREIRE, 1978, p.66)

E quais as conseqüências, os resultados práticos desse tipo de educação nos educandos, na política, na sociedade? Nenhum processo pedagógico fica imune aos seus resultados. Afinal, educa-se para quê?

Em primeiro lugar, as conseqüências na própria educação. Produz-se uma educação acrítica, alienante que leva à ingenuidade, à passividade repetitiva, receptiva. Uma educação autoritária, rígida e dogmática. Anuladora da criatividade, condicionadora da dependência. Na esfera da política, como segundo resultado, cria um cidadão como ser-de-adaptação e ajustamento e não de transformação. Ajustar, adequar o indivíduo ao sistema. Manter o “status quo”



E, no aspecto social, como repercute esta educação bancária? No social, desperta mais para ações humanitárias que para um humanismo. Nesta linha, os problemas sociais se resolvem pela “caridade” e não pela justiça social. Leva mais ao paternalismo assistencialista mais preocupado em transformar a mentalidade dos assistidos e marginalizados e não a situação que os marginaliza. Parte do princípio que a sociedade é boa, justa, organizada. Eles é que se excluem, eles que se põem à margem. Daí que é preciso “incorporá-los”.

E em que pressupostos teóricos se fundamenta a educação “bancária”? Paulo Freire, em “Pedagogia do Oprimido” e outras obras, identifica na educação “bancária” um conceito de homem como um ser de adaptação ao mundo. Homem **no** mundo e não homem **no** e **com** o mundo.

Segundo Paulo Freire, a educação bancária sugere uma dicotomia inexistente homens-mundo. Homens simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros. Homens expectadores e não recriadores do mundo. Como se os homens fossem uma presa do mundo e este um eterno caçador daqueles, que tivesse como distração enchê-los de pedaços seus” (FREIRE, 1978, p.71-72).

É típico desta educação conceber o ser humano compartimentado, recortado em gavetas ou seções especializadas, ou espacializadas. Não concebe o homem como “corpo consciente”, onde o corpo todo é fonte de informações que enviam dados a serem processados pelo cérebro. Daí uma pedagogia e didática voltadas apenas para a cabeça, a razão. Uma consciência passiva, “tabula rasa”, lousa vazia que o mundo vai enchendo e a educação apenas ajuda o mundo a entrar na cabeça, passiva e apassivadora. Uma educação, segundo Freire de caráter necrófilo e não biófito.

Como reflete Erich Fromm<sup>8</sup>, citado por Freire:

Mientras la vida (diz Fromm) se caracteriza por el crecimiento de una manera estructurada, funcional, el individuo necrófilo ama todo lo que no crece, todo lo que es mecánico. La persona necrófila es movida por un deseo de convertirlo orgánico en inorgánico, de mirar la vida mecánicamente, como si todas las personas vivientes fueren cosas. Todos los procesos, sentimientos y pensamientos de

<sup>8</sup>Erich Fromm formou-se em Psicologia e Sociologia na Universidade de Heidelberg, onde também se doutorou, completando sua formação na Universidade de Munique – Doutorado em Filosofia - e no Instituto Psicanalítico de Berlim, se especializando em Psicanálise. Nascido em Frankfurt, em 1900, emigrou para os Estados Unidos quando Hitler subiu ao poder, instituindo o [Nazismo](#). Na América, Fromm desenvolveu amplamente sua carreira, sempre provocando polêmicas com sua linha de pensamento e sua terapêutica, que unia a Psicanálise com a teoria marxista, integrando fatores sócio-econômicos aos tradicionais mecanismos de tratamento das neuroses. Segundo o psicanalista, o homem é o produto de princípios culturais e biológicos. Assim, ele desafia os preceitos freudianos, que destacam somente a esfera do inconsciente.

vida se transforman en cosas. La memoria y no la experiencia; tener y no ser es lo que cuenta. El individuo necrófilo puede realizar-se con un objeto – una flor o una persona – únicamente si lo posee; en consecuencia una amenaza a su posesión es una amenaza a él mismo, si pierde la posesión, pierde el contacto con el mundo”. E, mais adiante: “Ama el control y en el acto de controlar, mata la vida (FREIRE, 1978, p.74).

Essa concepção necrófila da educação resulta em controle do pensamento e ação, levando ao ajustamento ao mundo e não à sua transformação.

## **6 EDUCAÇÃO LIBERTADORA, PROBLEMATIZADORA, OU CRÍTICA.**

Ao contrário da educação acima descrita, a educação “bancária”, ajustadora, necrófila, passiva, identificada com o modelo de educação tradicional, Paulo Freire revoluciona a pedagogia com a sugestão de um jeito novo de educação. Não apenas como método, mas, como filosofia, respondendo às clássicas perguntas: o que é educar, para que educar, como educar. E de sua vasta obra emergem os pressupostos filosóficos do que ele pensa “o educar” e “o educar-se”.

Primeiro, o que é “educação”? Para Freire, educação é “práxis” e não depósito. Em outras palavras, educação é ação- reflexão sobre o mundo para transformá-lo, e ao mesmo tempo, a partir da “práxis”, transformar-se.

Nessa perspectiva, o Homem é um ser reflexivo, ativo e criador e transformador da realidade e de si mesmo e não um ser “vazio” a ser enchido. O ser humano é um ser incompleto, inconcluso, se fazendo, com os outros.

A concepção e a prática “bancárias”, imobilistas, “fixistas”, terminam por desconhecer os homens como seres históricos, enquanto a problematizadora parte exatamente do caráter histórico e da historicidade dos homens. Por isto mesmo é que os reconhece como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade, que sendo histórica também, é igualmente inacabada. Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um que-fazer permanente. Permanente, na razão da inconclusão dos homens e do deve vir da realidade. (FREIRE, 1978. p.86)

A realidade, na educação libertadora, é interpretada como dinâmica, mutável, transformável, sempre em evolução provocada. Provocada pelo ser humano. Entenda-se a realidade social, cultural, política, religiosa, etc.

A concepção de Consciência na educação libertadora tem a ver com o trabalho do ser humano. O ser humano é “corpo consciente inteiro”, não apenas a razão, a cabeça. Daí que ele deve ser explorado no seu todo como fonte de informação de conhecimento: os cinco sentidos, o movimento, potencialidades físicas, mentais, afetivas, emocionais. Não é mero depósito de conteúdos, mas instrumento de problematização dos homens em suas relações com o mundo, a realidade e entre si mesmos.

E no contexto escolar, **a aula**. Na educação libertadora, a aula ganha um novo jeito de ser e de acontecer. Passa do verticalismo pedagógico para o horizontalismo. Não mais de cima para baixo, de alguém que transmite, deposita, transfere, mas fazendo o conhecimento acontecer, produzido coletivamente: educador e educandos desvendando ambos o objeto. Supera-se a contradição educador x educando. Agora, ambos se fazem ao mesmo tempo educadores e educandos, mediatizados pelo diálogo.

No dizer de Paulo Freire, “A aula é uma situação gnosiológica (o conhecimento acontecendo) onde o objeto cognoscível é mediatizador de sujeitos cognoscentes” (FREIRE, 1978. p.78)

Nessa situação dialético-pedagógica, a educação ou procedimento ensino-aprendizagem, não é posse de um só, mas é uma situação gnosiológica participada, em que o objeto a ser conhecido é o mediatizador de sujeitos capazes de conhecer e produzir conhecimento, através do diálogo. Daí que acontece a superação da contradição educador x educando. Agora ambos se fazem ao mesmo tempo, educadores e educandos. Não mais no verticalismo pedagógico, mas, no horizontalismo pedagógico.

E quais as conseqüências práticas desse modelo? Primeiro: resulta numa formação escolar, política, social para a participação transformadora, revolucionadora da realidade e não adequadora, apassivadora, submissa. Segundo: o educador, enquanto educa é educado em diálogo com o educando que, ao ser educado também educa, Ambos se fazem sujeitos do processo. Terceiro: o educador refaz constantemente seu ato cognoscente na cognoscibilidade dos educandos. Quarto: O objeto cognoscível não é propriedade do educador, mas a incidência de reflexão e produção educador-educandos. Quinto: Nesse modelo pedagógico, o papel do educador será proporcionar as condições de superar o conhecimento em nível da doxa

(opinião, palpite, achismo) pelo verdadeiro conhecimento, que se dá no nível do LOGOS (saber comparado, sistematizado, teorizado, científico)

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A educação como Prática da Liberdade (FREIRE 1989) reconhece o homem como ser inconcluso, consciente de sua inconclusão e sua permanente busca do ser mais. Ela nega o homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo e nega o mundo como realidade ausente do homem. Propõe uma relação homem-mundo, uma relação em que consciência e mundo se dão simultaneamente. Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa: consciência e mundo se dão ao mesmo tempo.

A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual, os homens vão percebendo, criticamente, como **estão sendo** no mundo **com que e em que** se acham.

Paulo Freire (1978) salienta que a concepção bancária e a sua prática imobilista, fixista, terminam por desconhecer os homens como seres históricos, enquanto a problematizadora parte exatamente do caráter histórico e da historicidade dos homens. Por isso mesmo que os reconhece como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, e com uma realidade que sendo histórica também, é igualmente inacabada. Daí que seja a educação um que-fazer permanente (FREIRE, 1978, p.83).

A atualidade do pensamento de Paulo Freire vem sendo atestada pela multiplicidade de experiências que se desenvolvem tomando o seu pensamento como referência, em diferentes áreas do conhecimento e em diferentes países do mundo.

Segundo FREIRE (2004), o ser humano nunca deixou de lutar pela transformação da sociedade e de questionar o poder dominante. Nunca abriu mão do sonho da mudança radical, da luta pela construção de uma sociedade igualitária, tanto do ponto de vista econômico e democrático como do ponto de vista político, racial, sexual e educacional: “E é por isso também que é possível, em qualquer sociedade, fazer algo institucional e que contradiz a ideologia dominante. Isso é que eu chamo de uso dos espaços de que a gente dispõe” (FREIRE, 2004, p. 38).

Paulo Freire continua sendo um dos maiores referenciais teóricos e práticos para a educação mundial, mesmo em face das atuais transformações, de um sistema neoliberal que desmonta os pilares mais importantes da solidariedade do respeito ao ser humano. Este estudo de sua visão, sua vida, filosofia e seu impacto na sociedade sobre a educação permitiu-nos um

olhar crítico para esta realidade imediatista e fragmentada destes tempos sombrios tão atuais quanto o tempo o do autor. Assim, após vasta pesquisa bibliográfica, buscamos neste pequeno ensaio, resgatar os passos históricos de Paulo Freire, bem como uma lista de suas obras que abordam a temática discutida dentro de uma síntese de seu pensamento referente à Educação Popular. e uma análise de seus contributos para esta prática educativa, de modo a comprovar que seu pensamento torna-se atual na medida em que os permite questionar e contradizer a ideologia neoliberal, na qual a educação está a serviço dos interesses da classe dominante e da elite empresarial.

Esta Educação Popular de ótica freireana faz-se de maneira contra hegemônica, através da dialogicidade e conscientização, assumindo sua práxis progressista e política, promovendo uma pedagogia que seja de fato popular, em vista de libertar o oprimido e ajudá-lo a entender-se como sujeito histórico, capaz de transformar sua realidade e impedir-se de ser domesticado por um sistema social e econômico excludente.

A questão política da educação, não deve ser pensada como um ato que não traz resultados efetivos e perde sentido mediante a realidade. Portanto, através deste trabalho pudemos refletir sobre nossas práticas e, principalmente perceber um pouco da realidade educacional, na qual há um ensino baseado no desenvolvimento de uma mão de obra barata para acelerar os meios de consumo sem que se aprenda a essência do verdadeiro aprender, que deveria ser desenvolvido a partir dos conceitos democracia.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22ª ed. São Paulo:Editora Cortez, 1999.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. São Paulo:19ª ed. Editora Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: 5ª ed. Editora Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.

GADOTTI, Moacir. **Histórias das idéias pedagógicas.** São Paulo: Editora Ática, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma bibliografia.** São Paulo: Editora Cortez, 1996.  
(UNESCO: Instituto Paulo Freire)

MORALES, Pedro. **A educação libertadora de Paulo Freire e o ensino institucionalizado.** Buenos Aires: Editora Paidós, 1986.

STRECK, Danilo R. **Pedagogia no encontro de tempos: ensaios inspirados em Paulo Freire.** Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

STRECK, Danilo R. **Correntes pedagógicas: uma abordagem interdisciplinar.** 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.